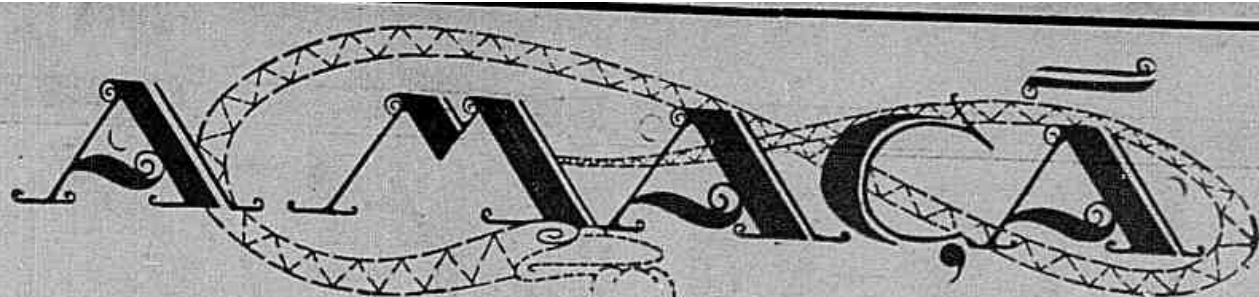


Num.

15

Anno I



DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

20
de Maio
1922

FRUGIVORO



— Eu sou doído por « maçãs »... de rosto !



MONOLOGO DA MELINDROSA

— Si o episodio do Paraíso devesse ocorrer de novo, o scenario não seria o Eden com a macieira. A tentação realisar-se-ia, agora, ante um armario de Pharmacia, que em vez de maçãs, guardasse frascos d'« A Saude da Mulher ». Porque

A SAUDE DA MULHER

é para as mulheres a promessa do mais subtil dos prazeres: o prazer de adquirir a graça e a belleza, as decedentes directas da boa-saude. « A Saude da Mulher » cura as filhas de Eva e allivia-lhes os encommodos, que são o castigo ao peccado paradisiaco.

A MAÇÃ

Director : Conselheiro X. X.

Collaborada pelos mais brilhantes escriptores brasileiros, consagrados como romancistas, como «conteurs», como jornalistas, como dramaturgos, como poetas :

ILLUSTRADA PELOS NOSSOS MELHORES ARTISTAS DO LAPIS, mestres na correccão do desenho e no espírito da caricatura :

Escripta em linguagem decente e offerecendo

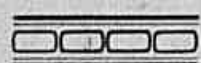
UM CONTO DE RÉIS

em **BONUS DA INDEPENDENCIA** a quem encontrar nas suas paginas um termo obsceno :

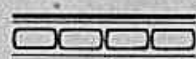
É a MAÇÃ, hoje, o semanario de maior circulação nesta capital

Redacção : 28, RUA SACHET, 28

Officinas : AV. MEM DE SÁ, 236 - 240



RIO DE JANEIRO





AVE, JUVENTAS



Homem, que amas a vida, e o prazer, e a saúde,
Não te esqueças, jámais, de conservar, inteira,
A força muscular da tua juventude.

Se o tempo te persegue, e já sentes canceira,
Busca fortalecer o organismo, que a idade
Procura combalir numa faina certa.

Se tens a teu alcance o amor e a mocidade,
Ama e goza, e, feliz, sob a face do sol,
Proclama, sem temor, esta grande verdade:

No céu existe Deus; — na terra — o Juventol!

Rua dos Andradas, 43-45-47

UM BOM TERNO SOB MEDIDA?

N'O Pavilhão, Ouvidor 108.

CAPAS IMPERMEAVEIS MODERNAS?

N'O Pavilhão, Ouvidor, 108.

O TERROR DO HOMEM !!

Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos, curam-se com o

“SEXUOL”

Preparação opothérpica, feita segundo o método de Brown Sequard. — Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.



Quando a sabedoria popular communicou que é nos frascos pequenos que se guardam as boas essencias, pensava, com certeza, naquelle turco de bigodinho negro, e olhos cõr dos bigodes, estabelecido com armarinho á rua Major Facundo, na capital cearense. Salim Chawki era, realmente, a essencia da esperteza, como não havia outro, sem duvida, não só no Brasil mas, ainda, em toda a Turquia.

Traziço de Beyruth por um tio materno que negociava de caixa ás costas, Salim chegara ao Ceará com pouco mais de dez annos. Desde que sahira da patria, esquecera-se, porém, de uma cousa: não crescêra mais; tão o assim que chegara aos vinte annos e, mesmo, aos vinte e oito, medindo apenas um metro de altura, nem um centimetro mais, ou um centimetro menos.

Aos vinte e cinco annos, estava o antigo pirralho de Beyruth estabelecido com a sua casa de fazendas e miudezas, quando teve uma idéa: dispensar a medida de metro, e constituir-se, elle proprio, com a sua altura rigorosamente certa, o padrão para a venda de chita, de morim, de rendas, de bordado, de tudo, enfim, que se compra por

medida de extensão. Executado o seu plano, era frequente aquella scena.

— «Seu» Salim, — pedia uma fregueza, — me dê um metro de fita?

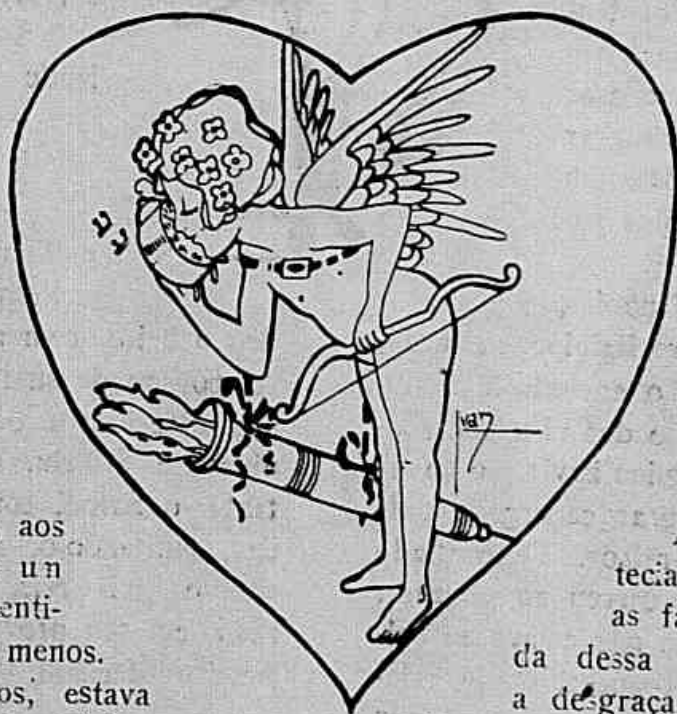
Rapido, expedito, olhos vivos, o turco punha em movimento todo o seu vultosinho de Pequeno Pollegar, subindo a escada como um macaco, para descer, com a mesma agilidade,

trazendo á cabeça uma caixa quasi do seu tamanho. Feito isso, desenrolava a fita escolhida, prendia-lhe a ponta no bico da botina, levantava-a até á cabeça, marcava, cortava, e affirmava, embrulhando a mercadoria e o freguez:

— Prompto; um metro!

A' semelhança do que acontecia com as fitas, fazia elle com as fazendas. E foi na propaganda dessa medida, que lhe aconteceu a desgraça.

Na mesma rua em que o turco negociava, residia um guarda municipal, cujo maior merito consistia em ser casado com uma rapariga deliciosa, descida do Crato, na ultima secca. Olhos claros, cabellos castanhos, boquita vermelha, collo moço e levantado, era um encanto. Chamava-se Balduina, e era esse,



QUE BELLEZA!



A scena acima reproduz um dos mais lindos bailados de **"DEANTE DO CADAVALSO"**, a grandiosa super-produção de THOMAS H. INCE para a "Associated Producers", que o Cinema Parisiense começará a exhibir segunda-feira, 22.

Esse film é uma verdadeira maravilha: emociona pelo seu enredo e deslumbra a vista pela beleza das mulheres que nelle tomam parte e pelo fascinante luxo com que foi encenado.

Damos aos lados os retratos das duas adoráveis Betty que apparecem neste maravilhoso film: Betty Blythe, a artista de corpo esculptural que foi ha pouco a "Rainha de Sabá", e Betty Ross Clark, de formosura hellenica.

Tudo, pois, concorre neste film para que se diga logo após a sua exhibição: **que belleza!**

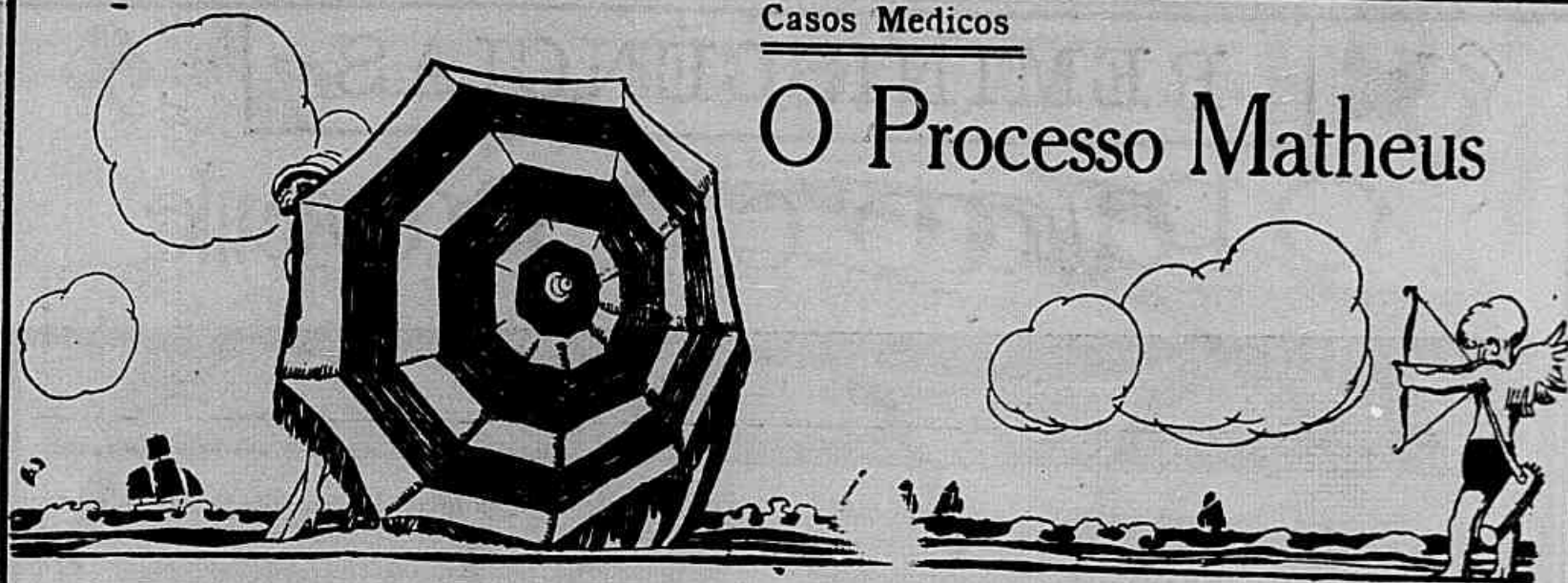
Quem deixará de admirar-o?...



"DEANTE DO CADAVALSO" - 2.ª feira, no PARISIENSE

Casos Medicos

O Processo Matheus



A casa de Saúde do Dr. Matheus, situada em um dos pontos mais pittorescos da Avenida Delphim Moreira, no Leblon, vivia constantemente cheia. E nem era para menos. Destinada exclusivamente aos neurasthenicos de ambos os sexos, cujo tratamento era assegurado por um processo novo, descoberto pelo dono do estabelecimento, era natural que, em um tempo como o nosso, em que a neurasthenia altera a face dos homens e do mundo, a frequencia fosse enorme.

O aspecto do edificio era, já, para o enfermo, metade da cura. Composto de tres andares elegantemente dispostos, com «terrasses», cupolas, torres, passadiços, o predio lembrava, de longe, um desses castellos da Bretanha, erguidos diante do mar. Em frente a elle, o oceano rugidor, levantando eternamente a sua crina de erspuma; e atraz, a lagôa Rodrigo de Freitas, o casario

lancolicos. Enterrados em si mesmos, esses enfermos precisavam de um processo especial, que os distrahisse, isto é, que lhes desenterrasse a alma para os prazeres suaves da vida. E assim era que, para os homens, havia sempre um grupo de raparigas encantadas e jovens, que buscavam tentá-los, seduzi-los, por todos os modos. Arrancando de um doente desses um simples sorriso, ou uma piscadella de ôlho, o resto era facil. A alma de um melancolico é como uma casa abandonada, cheia de morcegos; aberta, porém, uma janella por onde entre um raio de sol, as aves nocturnas, de prompto, desaparecem. Com as senhoras não se podia fazer o mesmo. Meia duzia de homens bastaria, sem duvida, para uma centena de enfermas; o estabelecimento era, no entanto, moralizado, e d'ahi a substituição do homem pelo gato, pelo cachorro, pelo macaco, pelas aves, por seres vivos, em summa, que afugentassem com o seu carinho, com a sua dedicação ou com a sua bufoneria, a tristeza daquelles cerebros mergulhados na sombra.

disperso da Gavea e o perfil cinzento e melancolico das montanhas, ajoelhadas, como servas humildes, em torno do Corcovado.

O mais interessante de tudo era, porém, o methodo do Dr. Matheus, baseado, segundo se affirmava, no do dr. Guerbais, conhecido psychiatra francez. Não se tomava remedios. A medicina unica era distrahir o doente por meio do trabalho ou de preocupações amaveis: Homens e mulheres recebiam, de manhã, a sua tarefa. E era de ver a paciencia com que elles sahião, ao clarear do dia, para trabalhar nas pedreiras, na horta ou nas matas proximas, e com que ellas se dedicavam a costurar para os hospitaes, a encadernar livros, a polir moveis, a encerrar o chão, conforme o grau e os caracteristicos da molestia.

A secção mais interessante, e de tratamento mais delicado, era, entretanto, a dos me-



— ... Somos muito diferentes. Meu irmão gosta de «chan de dentro»; eu, do «assem»... E o Snr.?
— Eu, desde creança, gosto de «petto»!

Quieta, lavada pela brisa do mar e ensaboada por um dourado sol de primavera, olhava a casa, naquella manhã, o oceano largo, quando atravessou as alamedas do jardim, sob a cobertura do terraço, um «landaulet» fechado. Solicito, o dr. Matheus acudiu, em pessoa, com o seu avental correctissimo, enfiando a cabeça pelo carro, a conferenciar com um cavalheiro idoso, que vinha dentro. E logo, em seguida, appareceu á claridade do dia, amparada pelo braço dos dois, uma senhora jovem ainda, cuja molestia, se a tinha, era denunciada, apenas, por dois canteiros de violetas em torno dos seus lidos olhos

UMA VOCAÇÃO



O dr. Raul Leite, proprietário de uma das nossas maiores casas de laticínios, nasceu predestinado. O seu próprio nome já o indicava para essa industria, augurando-lhe o mais formoso dos futuros.

Não se resumia, porém, no nome, essa predestinação. Quando pirralho, o illustre e sympathico industrial não fallava senão em queijo, em creme, em coalhada, fabricando vaquinhas de madeira enquanto os outros meninos, da sua idade, faziam cavallos de papelão.

Não fôram, porém, as vaquinhas de pau que denunciaram á familia aquella vocação irremediavel. O caso foi differente, e é contado, assim, pelo sr. dr. Estellita Lins, medico da Cruz Vermelha:

— Quando o Raul tinha sete annos, ainda se alimentava de leite humano, que lhe era ministrado por uma portugueza, rapariga avantajada, gran-

ao que parece, o seu unico defeito. As suas qualidades eram, entretanto, muitas, e entre estas estava uma certa sympathia pelo turco do armarinho, cujos olhos negros constituíam, para a rapariga, uma verdadeira tentação. E tanto assim, que não havia dia em que ella não fôsse ao «Bazar Brasileiro», a loja do Salim, comprar qualquer cousa, mesmo que fôsse um carritel de linha ou um simples papel de agulhas.

Certo dia, porém, chegou o Pedro Balbino, o guarda, em casa, e não encontrou a mulher. Indagando dos visinhos, soube que a Balduina havia ido ao armarinho, comprar cadarço e dois carriteis de retroz. Desconfiado como andava, correu ao «Bazar», e espiou. Salim não estava ao balcão, nem a fregueza. Onde estariam elles?—pensou. Coração aos pu'os Pedro Balbino entrou, pé ante pé, no estabelecimento. Ao chegar á porta que dava para o interior da casa, olhou, e estremeceu, dos pés á cabeça: lá dentro, estavam, o turco e a rapariga, de pé muito agarradinhos, tão agarradinhos que

de como a Italia Fausta. Certo dia, tinha elle acabado de mammar, e como estivesse com preguiça, ficou no collo da ama, até que adormeceu. Ao acordar, quiz mammar de novo, e não ponde. O leite não sahia. A rapariga gritava desesperadamente, com umas dores que não sabia explicar. Chamado o medico, que era o dr. Erico Coelho, este mandou que afastassem o menino, até que a ama se restabelecesse.

— E que é que tinha a rapariga? — indagou alguém da roda.

E o dr. Estellita, em segredo:

— O Raul havia brincado tanto com a «caixa» do leite da rapariga, sacodindo-a, que este se havia solidificado dentro, transformado em manteiga! . . .

Bol-Chewick

pareciam uma só pessoa.

De um pulo, o guarda varou a porta e cahiu, como um raio, ao pé dos dois.

—Que é isso? — gritou, as mãos crispadas, olhos em sangue. — Que é isso?

Salim recuou um passo, endireitando-se todo.

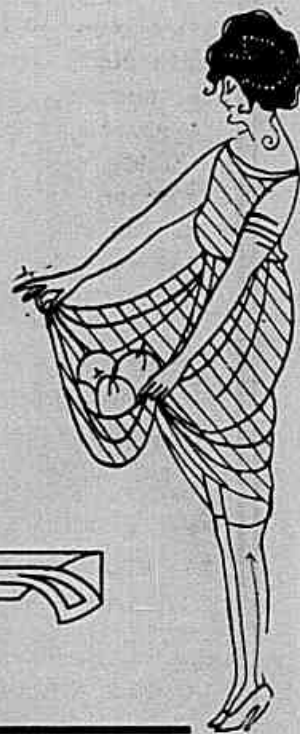
— Eu? — gemeu.

E a voz tremula:

—Eu estava... medindo... sua... mulher!

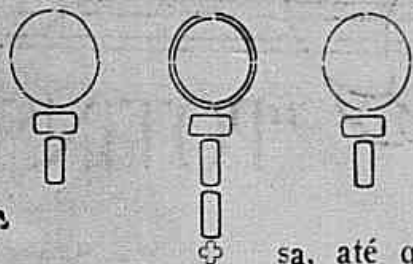
Pedro Balbino mordeu o beiço, com raiva. Lembrou-se, porém, de subito, que era um dos afferidores de pesos e medidas, e afferiu, no mesmo instante, o Salim, com quatro facadas, multando-o, ainda, em quinhentos mil reis, por ter alterado, em seu proveito, o systema metrico—decimal.

X. X. ?





Chiromancia



O outro dia o Conselheiro X. X. relatou com fina graça quanto se passou numa reunião íntima, em que certo poeta, seu conhecido, deu em ler a «buena-dicha» das lindas convidadas.

A predição do futuro, com effeito, ha de sempre empolgar a curiosidade dos proprios incredulos sobre se, de facto, o destino viria ou

não escripto na palma das mãos. D'ahi o prestigio dos chiromantes, que em qualquer lugar onde estejam, costumam centralizar a attenção geral, porque não ha, em verdade, quem não sinta pavor do desconhecido, de tudo quanto está por traz do muro alto e espesso do «Amanhã...»

Ora, espalhada, como se acha, a fama de devassador do futuro e ledor do passado, não póde mais o estimado academico ir a qualquer sarão, que logo não o cerque o mundo feminino, ansioso pela revelação dos seus respectivos destinos.

E' de se ver o formoso grupo, gárrulo como um bando de pardões, em galreios, ditinhos e risadas, as mãos abertas para a leitura do que os arabes chamam "jofor", todas, ao mesmo tempo!

Quando tal acontece, já se sabe, não ha mais nem verso, nem musica, nem dan-

sa, até que seja lida a sorte da ultima pessoa.

Emquanto isto se passava na sala o Conselheiro descia ao jardim, guiando o passo cauteloso para onde se achava a sua querida trepadeira.

Era um caramanchel florido, embastecido de folhagem, recanto propicio á meditação ou ao idyllo.

Mas, lá, ao fundo da espessura, se achava já a triste D. Lizinha, a cujo temperamento melancolico aprazia a solidão.

O experiente mundano, entrevedo qualquer aguda crise sentimental, penebrou no recinto umbroso afim de gosar o doce influxo daquella adoravel presença, distraindo-a, se fosse possivel.

Não se sabe quanto tempo assim passaram entretidos, e não. será mesmo exaggêro suppor que ainda agora lá estivessem, se da varanda não chegasse o chamado repetido de D. Victoria:

— Lizinha! O' Lizinha! Lizinha!

Mal a moça appareceu á escada, logo a farandula das raparigas a arrastou, mau grado, até á presença do vate-chiromante. Era a ultima pessoa, e talvez a mais interessante, razão por que todos queriam conhecer da sua sorte.

Nem haviam reparado que ella se achava de luvas.

E com effeito assim era; tanto que foi

ORGULHOS



Elle - Não, minha amiga, o nosso meio é muito differente...
Ella - Também, teria muita graça...





REMINISCENCIAS



O Passado e o Presente

O Sr. Marechal Hermes da Fonseca,
em 1840O Sr. Dr. J. J. Seabra,
em 1843O Sr. Conselheiro Rui Barbosa,
em 1829

escuros. A' porta, o psychiatra despediu:

— Pois, bem, commendador, pode ir descansado. Dentro de um mez, madame voltará para casa, perfeitamente curada.. Passe muito bem.

Conduzida ao quarto de frente, que lhe era destinado, D. René poz-se a andar, nervosa, de de um lado para outro. Era jovem ainda, e formosissima. Cabellos castanhos, bocca fresca, olhos vivos, corpo esbelto, passeava ella, envolta na capa com que viera, de canto a canto da sala, a mão esquerda mergulhada na massa fôfa dos cabellos, mordendo afflictivamente o punho da direita, quando o dr. Matheus entrou, barrigudo, calvo, paternal, no seu grande avental branco.

— Que é isso, minha filha? que é isso? Acalme-se!

E como não obtivesse resposta:

— Olhe, eu vou lhe mandar uma distracção-sinha aqui para cima... Quer um canario?

E ante o silencio da moça:

— Quer um gato?

A enferma continuava muda.

— Quer um cachorro? — insistiu.

Ao ouvir esse offerecimento, D. René

não se conteve: soltou uma gargalhada estrondosa, que fez recuar o Dr. Matheus até á porta, e da porta até o corredor. Vendo-o apavorado, a moça correu a vel-o; e descobrindo-o encolhido, olhos esbugalhados, á entrada do quarto, sussurrou-lhe, a boquitta estendida, zombeteiramente:

— Mande um bode... Ouviu?

E soltou outra gargalhada, fechando a porta.

Charcot & Pasteur

Senectus...

O velho e honrado senador é doído por mulheres bonitas. Com os seus sessenta e muitos annos, tornou-se, ao que parece, inoffensivo.

Um destes dias, estava elle na Avenida, quando passou uma senhora lindissima. O illustre parlamentar parou, olhando-a. E estava nessa attitude quando o sr. general Lauro Muller lhe bateu no hombro:

— Que é isso, sr. senador? que é isso?

E após um instante:

— Diga-me uma cousa: que é que lhe acontece, quando vê, assim, uma senhora bonita?

— Eu? — gaguejou o ancião.

E levando a mão ao labio, baboso:

— Agua na bocca...



Um philosopho



JACQUES VILHENA, 35 annos. — HENRIQUE BARBOSA, 30 annos. *Escriptorio d-Henrique, que trabalha. Jacques entra.*

JACQUES — Bom dia, meu velho... Como vaes tu?

HENRIQUE — Bem, obrigado... E tu?

JACQUES — Como vês... Deixas que me assente? Venho conversar contigo... como camarada.

HENRIQUE — Ora essa... Senta-te... Que é que ha?

JACQUES — Tu vaes saber... Trata-se de Helena...



HENRIQUE (*inqui-to*) — Tua mulher?... Que é que houve?... Ella está doente?

JACQUES (*sorridente*) — Não, não... Tranquillisa-te...

HENRIQUE — Eu? Mas, tu sabes...

JACQUES — Sim; eu sei... que vocês me enganam...

HENRIQUE (*attonito*) — Que é que tu dizes?

JACQUES — Espera... Espera... Não te perturbes... Nossa amizade, meu velho, data de quinze annos. Nós nos conhecemos na Polytechnica, fizemos as mesmas «farras», tivemos as mesmas amantes. Na vida, desde que nos reunimos, temos prestado, um ao outro, serviços que se não esquecem. Somos amigos intimos... Não é verdade?

HENRIQUE — Perfeitamente... Mas onde queres tu chegar?

JACQUES — Espera, meu velho... tem paciência. Quando eu me casei, eu te convidi para meu «garçon d'honneur»... d'honneur... comprehendes?

HENRIQUE — Sim... sim... comprehendo...

JACQUES — Quando nos divertiamos no Leme... naquella noite... lembras-te?... eu te pedi que não disseses nada a Helena... E tu me déste a tua palavra de honra... de honra... Não foi?

HENRIQUE — Perfeitamente... E' exacto...

JACQUES — E, no entanto, tu te portas commigo como um cão, como um cocheiro, como um individuo de baixa especie!

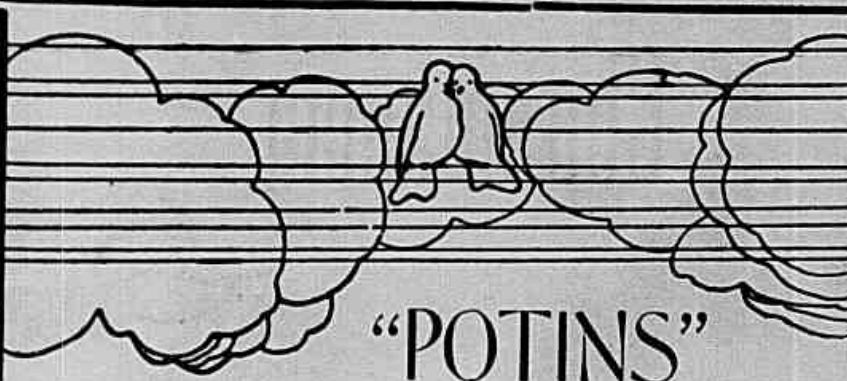
HENRIQUE — Perdão... eu...

JACQUES — Queres que eu te releve... que eu te desculpe... Tens topete! Tu sabes que, com outro que não fosse eu, esse negocio se resolveria a pistola ou a espada... o que seria estúpido, eu concordo... Mas eu procederei de outra maneira...

HENRIQUE — Deixa-me falar... eu te juro...

JACQUES — Que é que tu me queres jurar, desgraçado? Queres dizer, com certeza, que, tudo que tens feito, tem sido para meu bem? Imaginas, talvez, que eu não tenho senão suspeitas, e que estas cahirão, uma a uma, diante das tuas explicações? Estás enganado, meu velho; eu tenho provas, provas palpaveis... Eu sei que tu me enganas, tres vezes por semana, á rua Benjamin Constant, 406, já no alto do morro, no primeiro andar, segundo quarto, á dreita, desde 7 de fevereiro. Eu estou ao cor-





"POTINS"



Mme. Sete-Corôas

Com a multiplicação dos bens do marido, que tem casa exportadora á rua Primeiro de Março, a gorda e risonha senhora imaginou um meio de patentear a sua opulencia recente: mandou renovar, com augmento, todo o ouro da dentadura, na qual ha mais corôas desse metal do que em toda a Europa antes de Napoleão.

A mania de sa nova-rica é, entretanto, ser lisonjeada. E foi por isso, com certeza, que ella se derreteu quasi toda, quando, outro dia, o Dr. Guerra Duval lhe disse, na Lallet, monocolo encastado no olho:

— V. Excia. é um encanto!

E concluindo: 207

— Um sorriso de V. Excia. vale ouro!...

O emulo do Saccadura

No Jockey-Club, onde ella havia ido tomar chá, a sua presença foi notada, logo, não só pela formosura com que espanta a gente, como pelo escandalo daquelle decote, que lhe mostra o collo magnifico. Ao vel-a, o illustre e gordo deputado correu a saudal-a, curvando-se ligeiramente sobre o espaldar da cadeira. E como o assumpto do dia fosse o feito dos aviadores portuguezes, elle acentuou, rindo:



O rei reina...

Ella havia dito á amiga que a iria buscar para o theatro. A' noite, o «landaulet» parou ao portão, e madame appareceu sosinha, para receber e levar á amiga.

— E teu marido? — indagou esta.

— Ficou em casa.

— Achou que devias vir só?

— Não. Por elle, eu não vinha. Eu não sou, porém, escrava, e vim.

E num rasgo de altivez, sacodindo a cabeça, magnifica, em que fulgia aquelle famoso diadema de oitenta contos:

— O rei reina... mas não governa!

uma trabalhadeira para se arrancar á da mão esquerda, pois não se ignorava que a leitura da buena-dicha só se faz na canhotas.

Era que a luva se achava humedecida de resina de um arbusto qualquer a que se apoiasse, no jardim.

A mão mostrou-se afinal delicada e rósea como uma petala. E que linhas simples!

Já a leitura havia começado quando o Conselheiro se approximou, elegante e discreto.

— Quando a «linha da cabeça», toca, como aqui, o «Monte de Venus...» — di-

zia o poeta.

— E este monte aqui, qual é? — interrompeu ex-abrupto o Conselheiro, talvez para disfarçar certo vexame e mal-estar, como bom diplomata que foi.

— Isto? — disse o outro, implacavel, alheio a tudo e perfeitamente convencido da sua sciencia divinatoria, reparando na escamada mão, que lhe era posta deante dos olhos — Isto? E' Mercurio!... —

Houve um sussurro em torno, e não sei porque o Conselheiro amou.

Gil de Laval



MELOMANIA



— Você quer vêr como eu sou doida por musica? — dizia, naquelle primeiro canapé da direita, no salão dos Brito Botelho, a encantadora Eunice Miranda, primeiro premio do Instituto, á linda madame Taveira de Rezende. — Para avaliar, basta

que eu lhe diga que, na intimidade, eu não sei beijar meu marido a não ser ao som de um «nocturno», de Chopin. Eu não saberia amar, querer bem, de outra fórma. Parece que aquella musica dolorosa me accorda para a vida, me desperta para o amôr, mexendo-me com a alma, com o espirito, com os nervos, com o sangue, com o coração. Tanto assim, que, sendo uma cousa tão íntima, eu comprei um gramophone, em que ponho a chapa predilecta assim que o Alfredo vem para mim, para me acarinhar.

E com o rostinho de um lado, encantadora:

— Não é exquisito?

Ia a conversa, entre as duas, por essa altura, quando se approximou do canapé, numa curvatura galante, o sr.

rente de tudo, como vês... O que me dóe... permite que te diga... não é me saber enganado... Eu estou habituado a isso... ha tres annos... Isso te espanta?... Ella não te disse?

HENRIQUE — Helena te trahia... antes...? Ah, meu velho!...

JACQUES — Obrigado... tu és muito gentil... Eu vejo que tu tomas um grande interesse pela minha desgraça... desgraça que, aliás, eu supporto muito bem... Helena é uma mulher encantadora... trouxe-me um lindo dote... é uma companheira espirituosa, agradável... Si no dia em que descobri o meu infortunio conjugal eu a tivesse posto no ôlho da rua... eu teria perdido a mulher, o dinheiro, a situação, e cahido no ridiculo... Mas, em vez disso, tomei o meu partido... E', uma mulher de temperamento exagerado... uma doente... tu sabes... Então...

HENRIQUE — Então?

JACQUES — Bravo!... -Eu começo a te interessar... Muito bem... eu fechei os olhos... Apenas, fazia vigial-a sem que ella suspeitasse... queria pelo menos, conhecer-lhe os amantes... Estava ao corrente de tudo... E qual não foi o meu espanto quando, no dia 7 de fevereiro, de manhã, o homem da minha confiança veio me informar que minha mulher havia «estabelecido novas relações criminosas com o sr. Henrique Barbosa, trinta annos, engenheiro civil, com escriptorio á rua Uruguayana, 322, 1º andar, residente no Palace Hotel, quarto 608». Em primeiro lugar, eu sorri... pensando nas tuas theorias... depois reflecti... E disse, a mim mesmo: Henrique, meu amigo íntimo, o companheiro das minhas orgias de outr'ora... mettido com minha mulher... «E' pittoresco!... Que é que elles se dirão um ao outro, nesse quarto da rua Benja-

dezembargador Ataulpho de Paiva..

Intimo de uma e outra, ouvira a última frase, e achou que não seria indiscreção perguntar, por méra galanteria:

— Exquisito, que? Que é que é tão exquisito assim?

Habil, fina, intelligente, madame Taveira de Rezende explicou:

— A paixão della por Chopin. Ella é louca pelos «nocturnos»!

— Ah, eu já sabia! — apartou, innocente, o simpatico magistrado. — Eu já sabia!

E sem dar pela «gaffe»:

— Ainda outro dia eu fui jogar um «pokerzinho» na sua vizinhança, e o gramophone levou tocando Chopin até de manhã!

E, gentil, sem maldade:

— Bella musica, sim, senhora; bella musica!...



min Constant? Eu sou, porém, philosopho... tu o sabes...

HENRIQUE — Meu velho, eu te juro...

JACQUES — Não jures nada homem... Deixa-me acabar... eu não tenho muito tempo disponível... Eu me havia contentado com sorrir... Mas isto durava já ha tres mezes... Era muito bom... Helena não é, porém, mulher para fidelidade muito longa... Eu estranhava, já, a excepção que ella fazia em relação a ti... Era por seres, talvez, meu amigo íntimo... Estava me admirando... Hontem, entretanto, veio o homem da minha confiança. «Sua senhora, — disse-me, elle,—está de relações novas. Chama-se Paulo Valente, medico, trinta e oito annos, residente no Hotel Central. Mas não rompeu com o dr. Henrique Barbosa, concedendo tres dias a um, tres dias a outro» (*E ante a emoção que se apossara de Henrique*) Mas, que tens tu, meu velho?

HENRIQUE (*que mal pode falar*) — Eu? Mas... nada... eu te juro...

JACQUES — Oh! E' preciso que nos colloquemos acima destas miserias... O que é curioso, sabes? é que Helena não te tenha abandonado... Em todo caso, agora, vocês são dois...

HENRIQUE — Oh! Helena... Helena...

JACQUES — Sim, eu te comprehendo... é duro... é muito duro... a primeira vez... é assim... Eu senti isso... Mas é preciso ser forte... ser philosopho... Como amigo, eu vim te prevenir... Eu sou leal... sou teu camarada... Em mim... o golpe foi menor... Já estou acostumado... Eu quero participar, porém, das tuas deliberações... Tu farás, com certeza, o que o dever te determina... como homem de honra... E vou-me embora, meu velho. Se queres me acompanhar, vamos... Tenho aqui um camarote para o Municipal, hoje... Vamos... Isto te distrahirá um pouco...

(*E sae, deixando Henrique curvado sobre o «bureau» com a cabeça nas mãos*) E. Fouquet

ALCOVA DOS POETAS

Casa nova

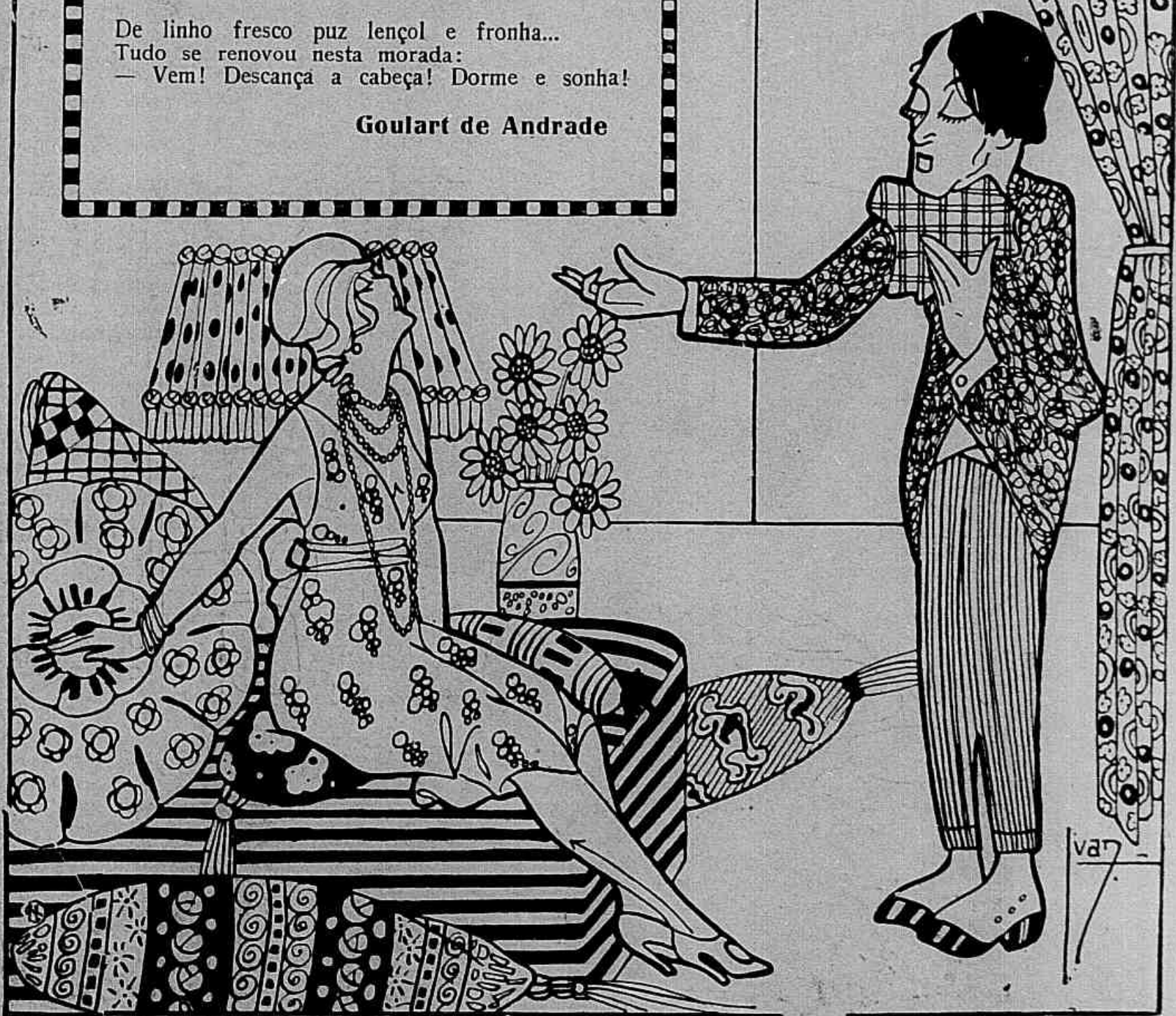
Pezar da trama do odio e das intrigas
Sempre estiveste em minhas conjecturas;
Hoje, que ao fim das penas me procuras,
Já não preciso mais que te desdigas.

Do peito, por desvãos, salas escuras,
A que invadiram ervas más e urtigas,
Varri as teias de illusões antigas,
Arredei sonhos gastos, velhas juras...

Afinal, chegas! Doente da jornada;
Travo de fel na bôcca; mas, risonha;
Olhos de insomnia, pallida, cançada!...

De linho fresco puz lençol e fronha...
Tudo se renovou nesta morada:
— Vem! Descança a cabeça! Dorme e sonha!

Goulart de Andrade



Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.

'A' experiencia custa apenas 2\$500

~ A' venda em toda parte ~

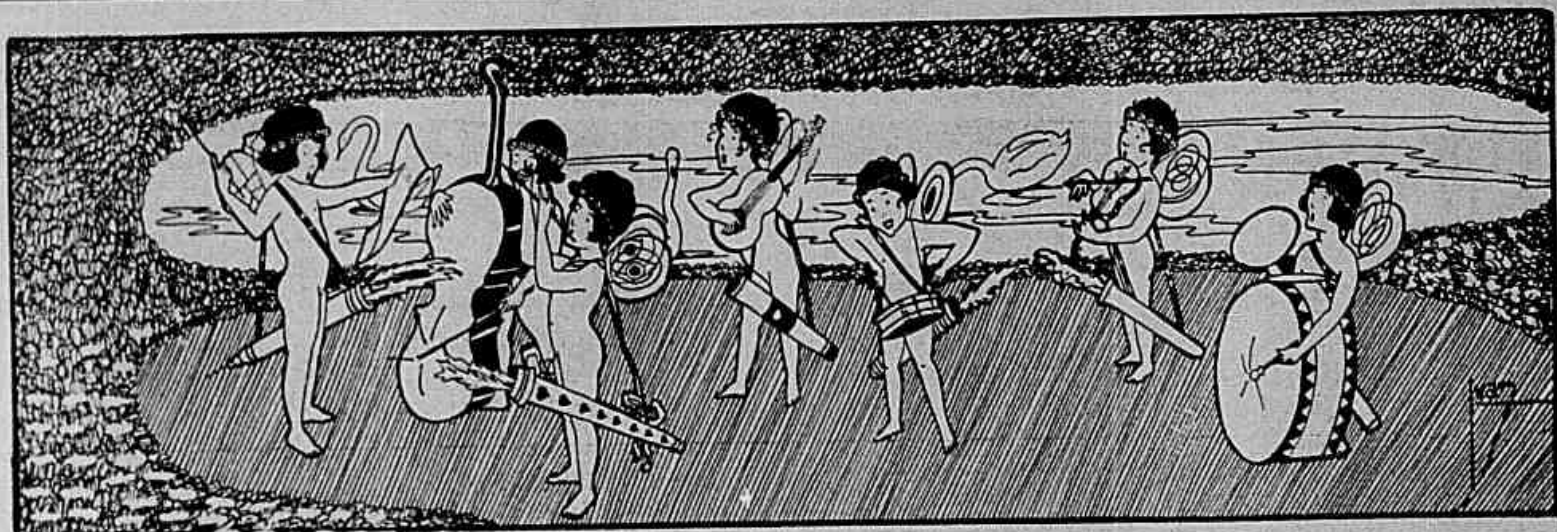
RADOS

HOJE



Agora — elles . . . se tocam . . .





A MORTE DO DIRECTOR DE CIRCO

Ha dias a «troupe» se estabelecera alli, alugando o terreno melhor que havia na villa. Murado e vasto, o local não podia ser mais adequado para um circo. E era um circo que alli se erguia, agora, com o seu cordoame trançado, o seu enorme tecto de lona, que chegava quasi até o chão, e lá fóra, a estrebaria com o cavallo que dançava sobre cadeiras, a gaiola

dos macacos sabios e, atraz de tudo, a jaula do leão Abdallah, que marchava em pé e obedecia, como uma creança, a todas as ordens do director. Quanto ao pessoal da companhia, era pequeno: o dono do circo, que lidava com as feras; a mulher deste, que o auxiliava em pequenos trabalhos sem responsabilidade; o palhaço Bentevi, o prestidigitador João Boléo, um artista de trapezio e duas creanças que se desconjunctavam na arena. O conjuncto humano não podia ser peor; os irracionais salvavam, entretanto, a honra da firma, executando numeros verdadeiramente sensacionais.

Naquella noite, porem, tudo teve termo, e do modo mais imprevisto. Terminado o espectáculo, que foi concorridissimo, o publico principiou a sahir. O agglomerado não podia ser mais confuso, mais complexo, mais hecterogeneo. Havia de tudo: desde a senhora mais soberba da localidade, como era a mulher do subdelegado de policia, com o seu collo protuberante e o seu vestido de merinó azul, até o vaqueiro das redondezas, com as suas chilenas tilintantes, o seu chapéo de barbicacho e o seu arrogante chicote na mão. Um cheiro atordoante subia daquella multidão zumbidora. E todos commentavam a excellencia dos trabalhos, recordando, embora, «artistas» melhores, que haviam passado pela villa vinte, trinta, e até quarenta annos atraz.

Fechada a porta do circo, e recolhida a renda das entradas, que subira a mais de duzentos mil réis, metteu o director o di-

nheiro, quasi todo em nickel e prata, nas algibeiras do paletot, da calça e do collete, encaminhando-se para o fundo do terreno, afim de examinar as feras, antes de dormir. Não tinha chegado, porém, á caixa dos macacos, quando ouviu um rugido soturno, grave, lamentoso, e apressou o passo. Era o leão que havia enganchado a pata nas grades da jaula, e que gemia, desolado ou revoltado, com a dor que aquillo lhe causava.

Penalisado, o homem entrou na jaula a desenganchou a mão do bicho, e ia retirar-se, quando tombou, atordado, com uma formidavel pancada nas costas.

Meia-hora depois, a companhia, inteira, rodeava a jaula ensanguentada, onde, do director do circo, não restavam senão aquellas nodoas de sangue e uma banda de botina. E todos choravam. Chorava o Bentevi, cujas lagrimas abriam sulcos no alvaiade da cara; chorava o João Boléo, prestidigitador; choravam as creanças; choravam as pessoas que haviam accorrido. Só não chorava, no meio de tudo isso, a mulher do defunto. Olhos esbugalhados, mãos mergulhadas nos cabellos revoltos, era horrorisada que ella andava de um lado para outro, numa afflicção de metter pena. E foi nesse estado que pediu, assim que viu o pharmaceutico do logar:

— Doutor, um vomitorio! Um vomitorio no leão não faria bem, doutor?

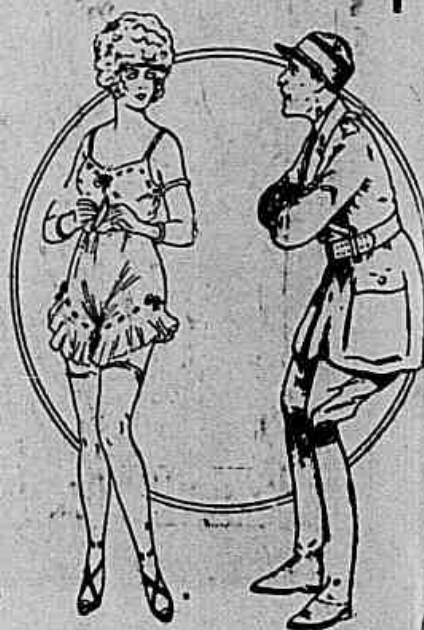
— Para vomitar seu marido, minha senhora?

— Não, doutor; não, senhor!

E torcendo as mãos, o rosto contrahido numa convulsão:

— Elle tinha duzentos e tantos mil reis no bolso, doutor!...

- Dr. Darwin





Theatro Boccacio

UM POÇO DE VIRTUDE

Drama em 2 actos.

D. SILO'CA — 50 annos — Viuva do commendador Fidelis Machado, rico negociante — baixa — franzina cabellos negro — Figaro, olhos com moldura, labios finos e ligeiramente entreabertos deixando ver os dentes pequenos e separados.

DR. ROMEU — 35 annos, advogado que acompanha o inventario do commendador — Typo medio, moreno, sem barba.

MANOEL — 38 annos — jardineiro — latagão forte e musculoso.

ACTO 1º

Em casa de D. Silóca — Instalação luxuosa — Saleta de espera — Grupo estofado — Columnas, plantas — bronzes artisticos — cortinas pesadas — Tapetes fofos. Noite — Um abat-jour vermelho illumina di cretamente a saleta.

SCENA UNICA

D. SILO'CA E DR. ROMEU

D. SILO'CA — (no sofá) Não pensei que esse inventario fosse tão trabalhoso... E' verdade que eu contava com a má vontade dos parentes de Fidelis...

DR. ROMEU — A's vezes ha vantagens nessas incompatibilidades... Tem-se de atravessar um periodo de luctas, combatendo as chicanas, mas ao fim essa situação de isolamento é muito commoda...

D. SILO'CA — E' triste... mas tem suas vantagens...

DR. ROMEU — Estará livre das criticas...

D. SILO'CA — Do mundo?!... Ao contrario...

DR. ROMEU — Das criticas do mundo ninguem pode escapar... Refiro-me ás criticas dos parentes do fallecido... Se elles continuassem privando em sua casa, frequentando a sua intimidade, a Snra. estaria sujeita a uma fiscalisação irritante, a todos os momentos, exposta aos conselhos imperipientes dos tartufos...

D. SILO'CA — Ao começo era mesmo assim... Esse rompimento, afinal, foi uma felicidade e um socego para mim... E' pena que eu não tenha uma companhia...

DR. ROMEU — Um cachorrinho... ás vezes... faz boa companhia... Saia... passeie... Divirta-se... Vá aos cinemas... aos theatros...

D. SILO'CA — Ainda não me acostumei á liberdade... Tenho sempre a sensação do Fidelis estar vivo... ao meu lado... Constrange... tudo isso...

DR. ROMEU — Se casasse segunda vez...

D. SILO'CA — Que horror!... No escuro... seria uma sensação tão ex-quesita...

DR. ROMEU — O melhor será, então, conservar a sua liberdade... O que é preciso é não viver muito isolada...

D. SILO'CA — Sim... Uma boa companhia alegria a vida... A minha vida é tão triste...

DR. ROMEU — Ainda poderá ser muito feliz... Gozará, se quizer, dias de prazer... de alegria... A questão será de saber manter a sua independencia...

D. SILO'CA — Se eu tivesse um filho teria uma distração... mas prefiro assim como está... E' uma cousa penosa ás vezes... (sonhadora) A menos que elle pudesse apparecer ao nosso lado já crescido, com cinco annos, com os cabellos encaracolados, uma góla de rendas sobre um casaco de velludo azul, sapatinhos brancos e meias brancas... Mas não quero pensar nisso... Sempre sacrifiquei esse ideal ao horror que sinto pelo periodo da maternidade...

DR. ROMEU — E seu marido?... O fallecido?...

D. SILO'CA — Fidelis?... Era





O beijo nas trevas

deliquio insopitavel, até que a rua ficou inteiramente às escuras, deixando nos envoltos em trevas tão profundas como se tivéssemos ficado cegos subitamente.

Quieto, encostado ao poste, eu não vi, mais, o grupo, que, após algumas palavras ligeiramente trocadas, se quedou, também, silencioso. E estava nessa attitude, olhos espetados na escuridão impenetravel como o destino, quando senti um halito quente, junto á minha face esquerda. Virei-me de repente, mas não com tanta presteza que evitasse o contacto de dois labios, e o reconhecimento de um vulto que se afastava, ligeiro, nas pontas dos pés.

Ancioso, eu esperava como um cego espera a vista, o regresso da luz ou a chegada do bonde, quando apontou ao longe a claridade de uma lanterna, que se aproximava. Era um automovel. Dando dois passos á frente, o mocinho fardado accendeu um phosphoro e, com um grito, mandou parar o carro. Conversou com o «chauffeur», e, chamando a familia, ordenou:

— Entrem!

A velha entrou, entraram as moças, en-

trou a creada, entrou o rapaz. O automovel soltou um berro, afflicto, talvez, com tanto peso, e partiu. Nesse momento, porém, vinha outro carro. Fil-o parar, entrei, e ordenei:

— Acompanha aquelle carro, que vae alli!

Tres minutos depois desembocavamos na praia de Botafogo, onde só se viam, em materia de luz, os candieiros de uma draga surta no meio da bahia e a passagem, rapida, fugidia, de algum automovel retardatario. E os dois carros corriam. Passada a Avenida da Ligação, penetramos no Flamengo. Na Lapa, o carro da frente entrou pela Mem de Sá. O meu automovel enveredou com elle. Na Frei Caneca, o taxi da frente parou, para accender uma das lanternas; fiz parar o meu, afim de não perder

Eu esperava o bonde á esquina da rua Delphim com a Voluntarios da Patria, quando o grupo se approximou. Constituiam-n'o uma senhora de meia idade, baixa, gorda, ligeiramente grisalha; uma creada portugueza, ou espanhola, de mãos vermelhas como casca de rabanete e rosto gorduroso como banco de jardim publico; um rapazola imberbe, de dezoito a vinte annos, vestindo farda da Escola Militar; e duas mocinhas encantadoras, de dentes muito alvos e bocca pequenina como um beijo. Uma, que me pareceu a mais velha, era alta, esbelta, esguia, e particularisava-se por um signalsinho negro e petulante, um pouco abaixo da palpebra esquerda. A outra, sem ser baixa, era menos alta. Pos uia um narizinho voltado para cima, como se andasse á cata de um noivo, buscando o pelo faro. Era risonha, jovial, irrequieta, e dançava brejeiramente sobre um dos sapatinhos «marron», denunciando-se admiradora incondicional das danças modernas.

O bonde custava, e a noite estava negra, ameaçando tempestade. Uma brisa fresca soprava da Gavea, varrendo a rua, de ponta a ponta.

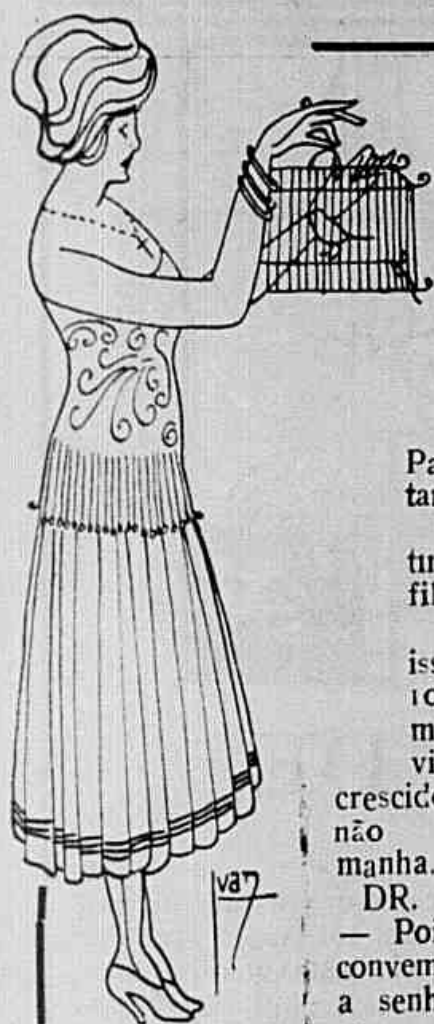
— Vamos ter chuva! — observou, olhando o céu, a mocinha do narizinho para o ar.

— Não teremos nem tempo de chegar em casa...

— secundou a senhora gorda, que parecia mãe das moças.

Não havia a matrona acabado de proferir essas palavras, quando a iluminação da rua piscou, num susto rapido daquelles milhares de lampadas. E logo, após, como se desfallscessem de medo, todas as luzes da via publica e das casas proximas começaram a esmorecer, num





um esquisitão... Não gostava de creanças... No entanto apreciava muito a companhia dos rapazes... de 20 annos...

DR. ROMEU — Para cima?

D. SILO'CA — Para cima e para baixo... também...

DR. ROMEU — E não tinha vontade de ter um filho crescido?...

D. SILO'CA — Quanto a isso... nunca!... Tinha horror aos filhos... Apreciava muito os filhos... mas deviam ser dos outros e já

crescidos... que não fizessem manha...

DR. ROMEU — Pois o que convem agora é a senhora não se apavorar com a soli-

dão... Procure distrahir-se da melhor forma... Mesmo na penumbra pôde ser muito feliz... Viver satisfeita...

D. SILO'CA — Ah!... Eu não gosto de vida exterior movimentada... Agora, por exemplo, eu me sinto tão bem na sua companhia... Estamos aqui como velhos camaradas... As suas palavras me confortam e me distraem...

DR. ROMEU — Se quizer poderei vir mais vezes... Para mim, a sua companhia é muito agradável!... Sempre que aqui venho esqueço a hora de sahir... Receio, até, tornar-me importuno...

D. SILO'CA — Não repita isso... Pôde demorar-se o tempo que quizer... Somente me causa prazer... Eu vivo tão só... tão triste... tão isolada...

DR. ROMEU — (sentando no sofá e pegando na mão de D. Silóca) Anime-se!... Poderá ser ainda muito feliz... Que é que lhe falta?...

D. SILO'CA — Tanta cousa!...

DR. ROMEU — Confie em mim... Farei tudo por torná-la feliz e satisfeita...

D. SILO'CA — O Snr. é tão bom...

DR. ROMEU — (puxando brandamente a cabeça de D. Silóca para o hombro d'elle) Descanse... em mim... Viverei para servir-a...

D. SILO'CA — (com a cabeça recostada no peito do Dr. Romeu) Promette que será sempre bomzinho para mim...

DR. ROMEU — (correndo a mão pelos cabellos de D. Silóca) Prometto... Você agora será uma filhinha para mim... Dormirá no meu collo quando tiver medo de ficar sosinha...

D. SILO'CA — Pois é... Quando tiver medo... quero deitar como se tosse creança... no seu collo... (escorregando

o corpo, até deitar a cabeça no collo do Dr. Romeu) assim...

DR. ROMEU — (sempre carinhoso e consolador) Assim... minha filha... (passando os dedos, tremulos de emoção, pelos cabellos de D. Silóca) Assim... Assim... minha filha!...

ACTO II

No jardim da casa de D. Silóca. Manoel, o jardineiro acabou de abrir o portão para o Dr. Romeu entrar.

SCENA UNICA ROMEU e MANOEL

DR. ROMEU — (abaixando-se para colher um cravo) Está bonito esse craveiro... Carregado...

MANOEL — Tem por ahi assim uma porção de canteiros cheios de cravos que vieram de Petropolis...

DR. ROMEU — Ja vi... Está tudo muito bem tratado... Você é cuidadoso...

MANOEL — O jardinzito agora está bonito... Desde que o patrão morreu... a senhora começou a se interessar pelas flores... Coitadita... ficou tão triste... Eu que o diga... Queria ir toda hora na estufa ver as avencas... e me ensinar como se enxerta a begonia... Era a unica distração que ella tinha... Eu bem que sabia fazer o enxerto... mas ia deixando... Afinal a coitadita precisava de distrair-se... Estava tão tristissima... tão saudosa do patrão... que não tinha outro assumpto... Não tirava o nome d'elle da bocca... E' uma santa!...

DR. ROMEU — E' Manoel!... Ella é uma santa...

MANOEL — Um poço de virtude!... Senhor doutor!...

Jan Richora

Tropa de occupação

O illustre official brasileiro regressou da Europa excessivamente militarizado. Tudo, para elle, é guerra, é «front», é vida de campanha. Por isso mesmo, é uma tortura qualquer palestra com elle.

Ainda outro dia, conversava-se sobre vida galante, quando alguém se referiu a um collega seu, abandonado pela mulher.

—E ella, com quem está? — indagou um, da roda.

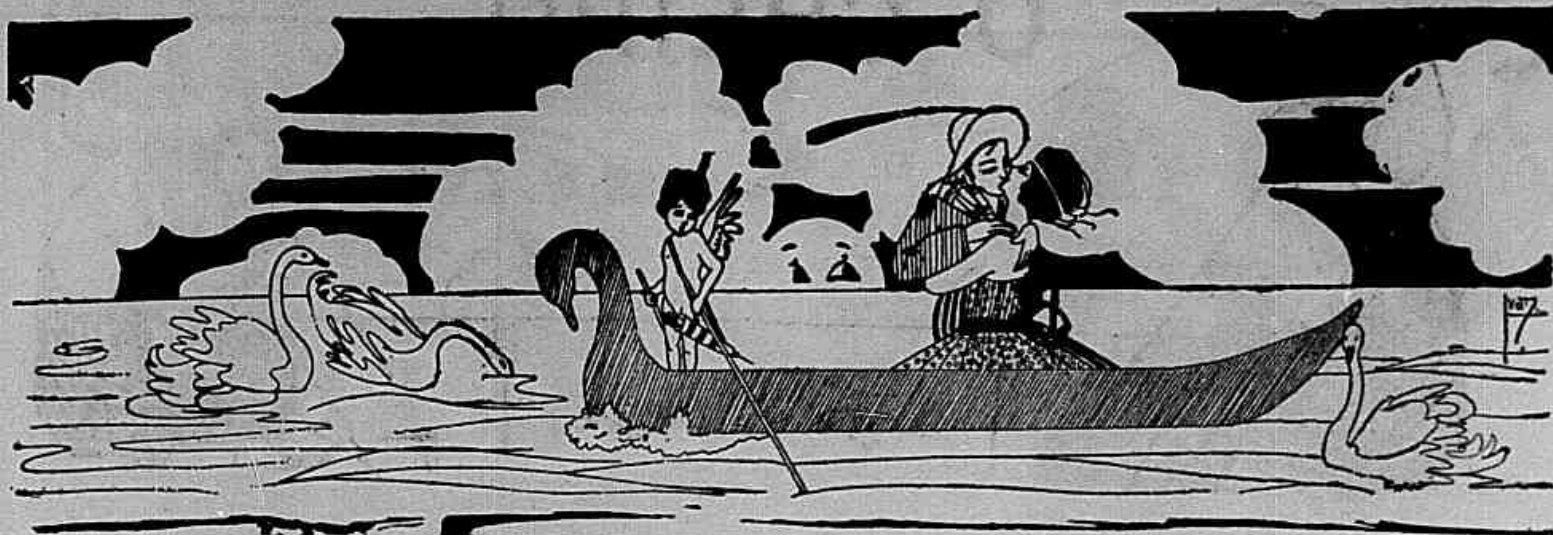
—Com o capitão Fulano informou outro.

—Mas é uma ligação definitiva?

—Creio que não — interveio o nosso official franco-brasileiro, tirando do bolso a sua carteira de cigarros.

E com a sua mania de sempre: —Elle lançou, apenas, uma cabeça de ponte... E' tropa de occupação... E accendeu o cigarro, sizudo.





O FRIGORIFICO DA BELLEZA

Quando o café estava a vinte e dois mil reis por quinze kilos, D. Zenaide, que vivia tranquillamente nas proximidades de Ribeirão Preto, pediu ao marido:

— Agora, Amancio, nós podemos ir ao Rio de Janeiro.

— Agora, filha? Deixa isso para o Centenario...

— No Centenario nós vamos outra vez...

D. Zenaide, explique-se de passagem, não era moça. Andava pelos quarenta e cinco annos, e, embora tivesse sido bonita, soffria, já, as consequências da idade. Dos cantos dos olhos começavam a partir pequenas rugas, irradiando em todas as direcções. A bocca afundava-se-lhe num sorriso obrigatório e as faces,

de carnes tão sadias e solidas, principiavam a amollescer, como fructos amadurecidos. E foi com essa cara, e essa idade, que a virtuosa senhora chegou ao Rio, alugou casa no Flamengo, e foi pagar a visita que lhe fizera, no dia seguinte ao da chegada, a esposa de um conhecido deputado paulista.

A' mesa da amiga, uma cousa, principalmente, a encantou: a frescura das uvas, das maçãs, das peras, dos pecegos, e de outras fructas exóticas. E foi examinando, á sobremesa, a maçã que lhe haviam posto no prato, que D. Zenaide indagou:

— Aqui, no Rio, dá isto?

— Não, — informou a dona da casa. — Isso vêm da Europa, do Rio Grande, da Argentina, e, mesmo, dos Estados-Unidos.

— Fresquinhas assim?

— Então? Ellas vêm no frigorifico, e, aqui, são conservadas na geladeira. Por esse modo, estão sempre boas, e com a pelle tão macia como se fossem apanhadas no momento.

Impressionada com o caso, D. Zenaide regressou á casa, mirou-se muito ao espelho e, pela manhã, pediu ao marido:

— Amancio, queres me fazer uma cousa?

— Dize, — ordenou o esposo.

— Manda-me da rua uma geladeira... Sim?

Horas depois parava em frente á casa, um caminhão, com a encomenda feita. E á tarde, quando voltou, foi debalde que o sr. Amancio chamou, á porta do corredor:

— Zézé? Zézé? Oh, Zézé?

E como ninguem respondesse, foi entrando. Percorreu a sala. Enveredou pela alcova. Atravessou a sala de jantar. Na copa, estacou.

D. Zenaide estava no chão, de bruços, com a cara dentro da geladeira!

Tenente Freitinhas



O machinista

Os dois officiaes de Marinha, portadores de patente alta, conversavam no auto-omnibus, vindos do Caes dos Mineiros, quando, entre a rua do Ouvidor e o Alvear, um delles indicou:

— Viste quem passou ali?

— Não. Quem foi?

— Fulana (um nome foi proferido).

E o que indicara:

— Tu sabias que ella estava na cidade?

— Sabia. Ella não sae sem minha autorização.

— E o marido?

O outro sorriu. Após o sorriso, porém, adentrou:

— Não tem nada com isso. Elle é o dono do navio; mas quem move as machinas... sou eu!

E pularam, na rua da Assembléa.





Galho DE URTIGA

Forco-espinho

Em um dos ultimos dias de calôr, elle, que é deputado, e tem a familia fóra, convidou a esposa, ou cousa equivalente, de um collega ausente, e foram passar o dia no alto da Boa-Vista. Lá, ganharam o matto, e deitaram-se na relva, papo para o ar, tomando sol. De repente, influenciada pelo calôr, a senhora estende o braço no rumo em que suppunha estar o companheiro de passeio, e põe-se a passar a mão pelo capim secco, que atapetava o chão. De subito, porém, puxa a mão, levando o dedinho á bocca.

— Hum!... — geme.

— Que foi? — indagou o deputado.

E ella, que é myope como uma pedra:

— Seu cabello me espetou...



a pista. Momentos depois, entravamos, todos, pela rua S. Christovam.

Dentro em mim, havia, talvez, mais treva do que na rua. De quem teria sido aquelle beijo? Da morena do signalsinho abaixo da palpebra esquerda? Da irmã, do narizinho impertinente? De uma ou de outra, eu tinha de esclarecer o misterio, contente commigo mesmo, vendo, diante de mim, na escuridão que envolvia as cousas, a mais pittoresca aventura da minha vida.

Quando chegámos á rua São Januario a iluminação estava, toda, restabelecida. Diante de uma casa assobradada, de trez janellas e jardim á frente, o automovel parou. O rapaz fardado saltou do lado do «chauffeur», onde viajára, pagou-o, abriu a portinhola, e começou a tirar a familia. Tendo o meu carro estacado a poucos metros de distancia, saltei, e fui collocar-me perto, para ver o desembarque dos passageiros. Amparado ao braço do rapaz, saltou, em primeiro logar, a matrona. Em segundo, a morena, alta, do signalsinho, a qual nem attentou para mim, enfiando pelo portão, numa carreirinha ligeira, evitando o chuvisco, que cahia. Em terceiro, pulou, pela mão do moço, a creaturinha brejeira, de narizinho de «bull-dog», e, logo após, a creada, com uns embrulhos. Afflicto, movi-me, e fui passar deante do portão. Tinham todos entrado. Apenas no terraço, o embrulho debaixo do braço, estava a creada de cara gordurosa e pelle de rabanete, que, ao verme, me atirou, de longe, um beijo, na palma da mão!

Voltei ao canto, onde o «chauffeur» me esperava, desconfiado. Olhei o relógio do «taxi», e estremeci. Marcava 38\$600.

Senador FULANO

Felicidade

Após o casamento da mais velha, as duas amigas se separaram, indo uma para S. Paulo e ficando a outra aqui. Agora, reurniam-se as duas, e conversavam, numa casa de chá, sobre os antigos conhecimentos. Chegada a vez de uma formosa amiga de ambas, a d'aqui informou:

— Está gorda, forte, bonitona. Já tem dois filhos, que são duas bellezinhas. E vive, ao que parece, muito feliz.

— Casou se? — indagou a paulista.

E a informante:

— Que idéa, filha!

—?...

— Eu não te disse que ella vive «muito feliz»?

Para o Inferno

Desde Petropolis, onde haviam travado conhecimento, elle a perseguia, com insistencia. Ella desceu com o marido; elle desceu com a mulher. Aqui chegados, o teimoso foi visitar a sua victima, que o recebeu, por méra cortezia. E estavam em meio de uma palestra sem interesse, quando elle lhe tombou aos pés, no tapete da sala:

— Tenha pena de mim; sim? Tenha piedade! Eu desci de Petropolis por sua causa; e por sua causa, irei até ao Inferno!

Uma onda de sangue subiu ao rosto da moça.

— Então... — rugiu ella, pondo-se de pé.

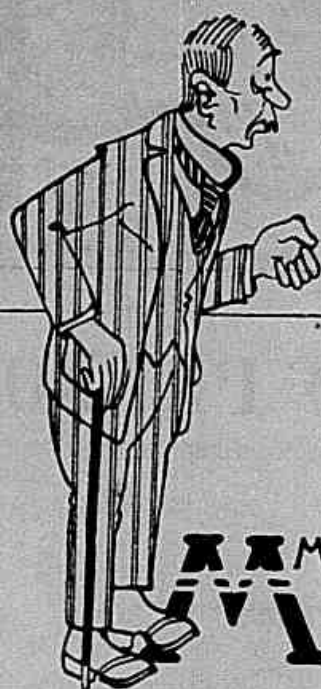
E dentes cerrados, abandonando a sala:

— Vá!...

Bico de Braza



CONSULTÓRIO DE

M^{ME} BENEDICTA.

ROSA LAURA — Durma com a cabeça para baixo e os pés para cima. Quem sabe se o seu juízo não está debaixo da meia, em vez de ficar, como o dos outros, sob a protecção do chapéu? Feita a experiencia, medite

durante tres dias, e escreva-me, de novo, sobre a sua idéa de abandonar a casa materna.

RABULA — Não acredite que seja questão para divorcio. Depois, seria um escandalo. Imagine o senhor a vergonha por que passaria, vendo citados no processo um gato e um cachorro!...

O melhor de tudo é, pois, esclarecer o espirito de madame, fazendo-lhe vêr que isso é uma infantibilidade. Cachorro e gato não são amidades para uma senhora, que tem cousas muito mais uteis com que se distraia.

A. A. A. — Não cáia nessa. Deixe que as levianas tomem essa iniciativa. Não queira ser deputado, nem senador, nem intendente, nem, mesmo, funcionario publico. O seu lugar é ao lado do seu marido, no mo-

vel que elle occupar. Conserve-o, e será feliz.

ARNOLDO — Oitocentos mil reis, por um vestido commum? E para ella? Não! Não seja tolo. E' caro demais para... quem é. Onde o senhor já viu embrulhar-se pão de tostão com papel de cinco mil reis a folha?

JOB BANDEIRA — A sua idéa de mandar buscar o avião do Saccadura por uma junta de bois talvez seja aproveitada. Quer o senhor ser... um delles?

THOMAZ — E' de admirar que isso não lhe tivesse acontecido ha mais tempo. Diz o senhor que, em vinte e dois annos de vida galante, sempre encontrou mulheres de lindo corpo, e que é a primeira, verdadeiramente magra, que depara. Contorne-se com o acontecido. São os «ossos» do officio...

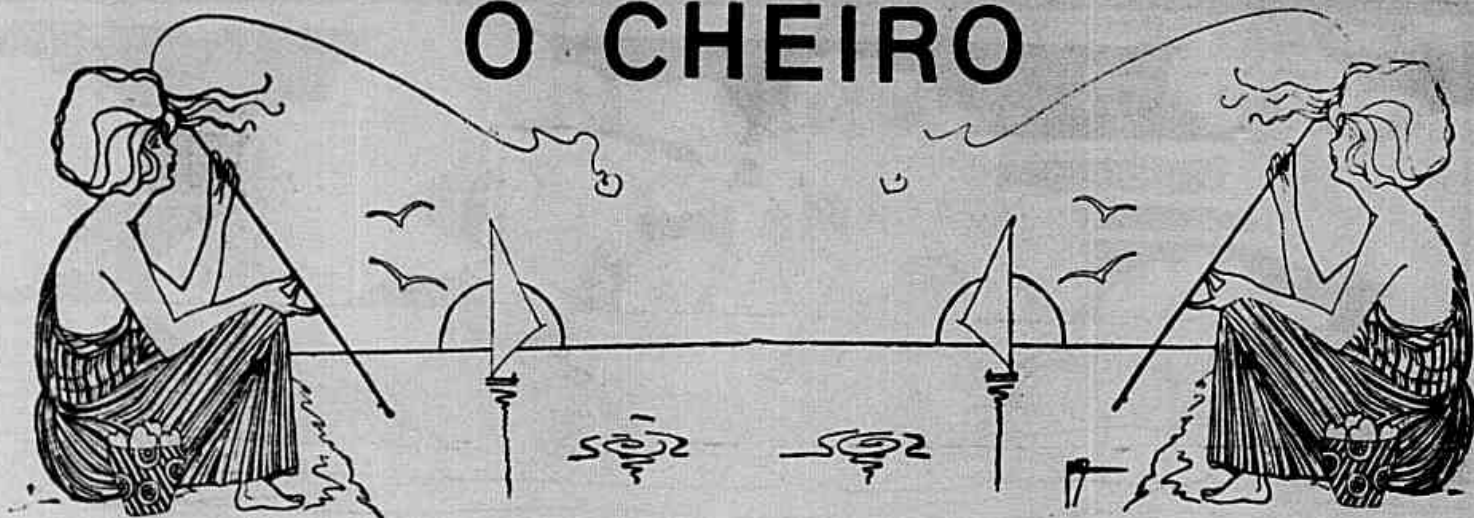
ON REVIENS... — Dê-se por feliz com o pequeno castigo que teve. Se a mulher que lhe tocou por sorte lhe fez perder os cabellos, lembre-se que ha outros peiores, que fazem perder a cabeça. Lembre-se de Salomé, que era mais feroz, creio eu, que a sua famigerada Lilina.

LAIS — A belleza plastina, unicamente, uma dominou sobre a terra. As mulheres lindas que tiveram influencia no seu tempo, eram, todas, cultas e intelligentissimas. A belleza sem espirito é um thesouro que não reinará, jamais, porque a portadora delle não conhecerá nunca o seu valor nem saberá manter por um anno a situação conquistada num dia. Se a minha amiga é bonita, instrua-se bem; e se não é, instrua-se ainda mais.

Madame Benedicta



O CHEIRO



Já li algures que o cheiro é a impressão produzida no olphato pelas particulas emmanadas dos corpos. Não é bem isso; prefiro a definição do meu lusitano jardineiro, o qual assegura que o cheiro é o privilegio que tem o nariz, de sentil-o quando se lhe approxima qualquer coisa que o tenha.

E é mesmo: o nariz não accusa a presença daquillo que não tem cheiro. E' por isso que se pode determinar a natureza de uma coisa pelo seu cheiro, isto é, pelo cheiro da coisa, e a prova é que os cães exercitam tanto o olphato, a ponto de procurarem conhecer tudo pelo cheiro, até os proprios donos. Não devemos, porém, depositar tão excessiva confiança no nariz, cujo poder sensitivo pode, muita vez, falhar.

Dahi, lamentaveis confusões, como a que ha dias se deu entre o jovem medico Dr. Apparicio de Figueiredo e a sua extremosa progenitora, para quem o filho é tudo na vida. Nunca se viu tambem mais dedicado filho: basta dizer que não sae para o consultorio sem primeiro pedir a benção da sua querida mãe, nem da rua volta sem lhe beijar a face. D. Feliciano faz até questão de conhecer os mais intimos segredos do rapaz, capricho a que este, entretanto, nem sempre accede, por um principio de filial respeito.

O Dr. Apparicio é noivo. E' noivo de uma gentil creaturinha, de olhos de fogo e temperamento tropical, que attende ao suggestivo nome de Erosilda. Zildinha, como a chamam em casa, adora o noivo, principalmente agora que, a insistente pedido seu, elle resolveu raspar o bigode e o cavaignac, unicos ornamentos que, dizia ella, não admittia no homem.

O Dr. Apparicio, em tudo methodico, nunca sae da casa da noiva depois das dez horas da noite, para evitar inoportunos commentarios da visinhança. Por isso, D. Feliciano não se deita antes da chegada do filho, que é quem sempre fecha a casa.

Sexta-feira passada, justamente dois dias depois de terem vindo abaixo o abundante bigode preto e o mephistophelico cavaignac do Dr. Apparicio, estava D. Feliciano sentada no alpendre á espera do filho que tinha ido jantar com a noiva, quando chega elle, visivelmente nervoso e, sem beijal-a,

como costumava, dirige-se apressadamente no rumo da pia, na sala de jantar.

Estranhando a attitude do moço, pergunta-lhe D. Feliciano, com o mais inquisidor dos interesses:

— Que tens, Apparicio, que nem o beijo das boas-vindas me dás?

E o jovem medico approximando-se della, meio irresoluto:

— E' verdade, que distração; mamãe! perdô-me.

E dá-lhe um beijo no rosto.

— Hum! — exclama D. Feliciano — Dá-me outro beijo.

O Dr. Apparicio beija-a novamente, um tanto contrafeito.

— Que cheiro exquisito tens hoje no rosto, meu filho...

— E'... é que, como a mamãe sabe, a familia de Zildinha é muito religiosa: não é? Pois, bem: hoje não é sexta-feira?

— Sim, e dahi?

— Dahi é que, hoje, não se comeu carne na casa d'elles.

— Ahn... percebo... Vae lavar a bocca, meu filho.

E D. Feliciano foi tambem lavar a face, passando-lhe, depois, um pouco de alcool, para desfazer aquella extravagante reminiscencia de peixe.

Epicenio Pombal

A «palmeirinha»

Coradinha, gorduchinha, não sae, á tarde, dos cinemas. E ora é com um conhecido, ora com outro, ora com outro mais. Na sala de espera ou na de projecções, abana-se muito, mesmo no inverno. E quando alguém se aventura a uma pilheria, fecha o lequesinho de papel, e pune, com elle, emoora amavelmente, o atrevido.

Ha dias, como lhe perguntassem o nome a um dos seus intimos, este informou:

— E' a Palmeirinha...

— O pae della é Palmeira, ou a mãe?

— Não; o seu nome de familia é até outro; mas...

— ?...

— Ella bate muito com o «leque»!





OCULOS E PINCE-NEZ
 Para qualquer defeito da vista
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS E ACCESSORIOS
Lutz Ferrando & Cia Ltd
 Rua Gonçalves Dias 40 - Rio

**EXPEDIENTE****"A MAÇA"**

Semanario illustrado

Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Redacção: Rua Sachet, 28.

Estados:

Anno 25\$300

Semestre 13\$000

Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500

» atrasado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria Leite Ribeiro

Rua Bethencourt da Silva, 15. 17 e 19

HOEPFNER & Co., Ltd.

□ □ □ SECÇÃO GRAPHICA □ □ □

EXECUÇÃO PERFEITA E RAPIDA

TYPOGRAPHIA**LITHOGRAPHIA****RELEVGRAPHIA****ENCADERNAÇÃO**

AVENIDA MEM DE SÁ, 236-240

Telephone Central 378

-- RIO DE JANEIRO --

M

A T I G O N

Pharmacias **ORIENTAL e WERNECK**

Para hygiene intima das senhoras
 e para defeza secreta dos homens

BANHOS DE MAR EM CASA

Vendem-se a 600 réis—1.º de Março
 151 e nas boas pharmacias e drogarias—
 Exijam a marca registrada onde se lê: Ba-
 nhos de mar em casa. Unicos analyzados e
 recommendados por distinctos clinicos.

opinião do Laffayette Silva.

A noticia correu logo a caixa e a actriz
 Albertina Silva, com a graça que lhe empresta
 a cabelleira negra, murmurou:

— Coitado do João! Tanto frio e elle...
 sem "casemira!..."

Camara...da

Corre como certo que conhecido deputado
 está gosando de certo prestigio junto á ex-can-
 tora.

Commentario do Eduardo Vieira:

— Isto vae mal... Ella assim ainda acaba
 "Camara de deputados"...

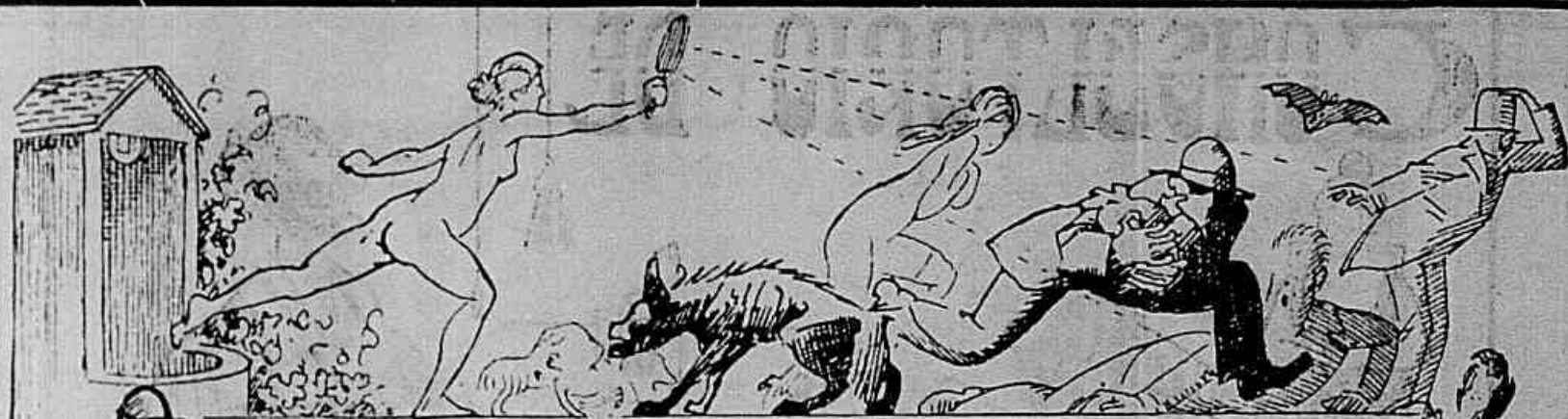
Italianices

Ninguém sabe do paradeiro da "Zinha de
 "Cascadura", ex-estrella do S. José e senhora de
 predicaos para o theatro, a myopia, inclusive.

Dizem, porém, que a bamboleiante actriz
 anda, de lanterna vermelha, a procurar um pom-
 binho fugitivo...

Por isso é que o Serra Pinto já está es-
 crevendo para o "O Rebate", uma parodia:
 "Vae-se o primeiro pombo despertado..."

Rideau.



POR TRAZ DO PANNO

Linguas de prata

Quando a gentil actriz deixou o seu camarote do Municipal, os commentarios começaram:

— Ora essa!... Essa rapariga não sabe francez... Que diabo virá ella fazer aqui?

Realmente, confirmou o actor Doutor — Mesmo na "casa dos artistas", apesar dos estímulos do Santinho, Arthur de Oliveira e outros, ella nunca se animou a dizer uma palavra...

Foi quando o dr. Claudio de Souza, um dos mais cultos espiritos do nosso theatro, interrompeu:

— Vocês são injustos nas perfidias. Essa rapariga é polyglotta: não ha lingua que ella não conheça...

Livra... arias

A authenticity do caso é garantida pelo Gastão Tojeiro: O joven jornalista conseguiu approximar-se da gracioza "divette" que, medrosa, fugira sempre do moço apaixonado.

— Mas porque me detestas? Não vês que eu soffro por ti e que por ti sacrificarei o meu nome, a minha brilhante carreira...

— Não, meu filho, eu tenho medo, muito medo...

— Medo?!

— Sim, medo de ti! medo que me offereças... uma bibliotheca!...

Figuração

Em collaboração com o caricaturista Chico Acquarone, Freire Junior está escrevendo uma comedia em 5 ou 6 actos, sob o titulo suggestivo de "Noivos por encomenda".

O maestro está encantado com o collaborador:

— Elle, como caricaturista que é, ha de fazer "figura... e acção..."

Re... signada

— Era fatal, tinha de ser, — murmurou, acabando a narrativa, o Mario Domingues.

Illudida pelas noticias dos jornaes, a pobre menina quiz ser artista.

Despresando raptos, para o effeito da reclame á americana, a estréa foi um successo:

— Que horrivel dicção! — diziam uns.

— Mais uma esperanza perdida! — asseveravam outros, o Arnaldo Pereira, inclusive.

A menina comprehendeu, entretanto, que ser artista é um accidente qualquer na vida de uma senhora e por isso, trocando o nome submetteuse, resignada, ao titulo pomposo de "Belleza do Norte".

Case... mira...

Esta já não chora tanto, como chorava, nos tempos do João de Deus.

E por fallar em João de Deus: No dia da primeira do «Frade da Brahma», foi vista no Iris a actriz(?) Casemira Ferreira, a "mirinha", na



Leia, recorte e guarde!

Sem compromisso algum para V. Excia., ARMA-MOVEIS faz questão de apresentar orçamentos para limpeza, concerto e lustro dos seus moveis, colocação de tapeçarias, estofo, etc. — Faz mudança por pessoal proprio, ex-empregados da Red-Star.

Consulte : Norte, 6574
132, Rua General Camara, 132

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.

**PARA O INVERNO**

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO
RUA DO OUVIDOR N. 134

LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras
Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 20 de Maio, Ás 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

15.ª — 3.ª

NOVO E IMPORTANTE PLANO
SÓ JOGAM 30.000 BILHETES

100:000\$000

POR 15\$400, EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.ª de Março, 88.



O SEGREDO DE SANSÃO



Quando Sansão foi feito prisioneiro dos philisteus, e que Dalila lhe cortou os cabellos, houve, entre os vencidos, um enorme desespero. Se a força do formidável athleta estava na sua cabelleira soberba, como poderia elle, agora, romper as cadeias que o prendiam e correr, de novo, a subjugar os inimigos?

Reunidos os maioraes do Exercito hebreu, ficou resolvido que se friccionasse a cabeça do heróe com uma infinidade de locções, destinadas a fazer crescer o cabello. Nada, surtia effeito, no entanto.

Certa noite, porém, foi o acampamento dos philisteus despertado por um rumor de combate: era Sansão que, armado de uma clava, desbaratava inimigos, destruia tendas, com a furia de um temporal!

Derrotados os adversarios de Israel, quizeram os maioraes saber onde o heróe havia ido buscar, de novo, aquella força prodigiosa, sem que lhe tivessem crescido os cabellos. Sansão sorriu, com a bonhomia dos fortes, e segredou a cada um delles, syllaba por syllaba

— **Dy... na... mo... ge... nol !...**

O segredo de Sansão é, hoje, brasileiro. Procura-o á

Rua dos Andradas,



43, 45 e 47

PARA O BANHO

DE SABÃO

THYMO BORICO

Contra: BROTOEZAS ■ ASSADURAS ■ PRURIDOS